

# Maracatu: Presença da África em nosso carnaval

Leonardo Dantas Silva

Com a abolição da escravidão negra em terras do Brasil, em 13 de maio de 1888, a coroação dos Reis do Congo — Muchino Riá Congo — perdeu a sua razão de ser, pois não existia mais a necessidade daquela "autoridade" para manter a ordem e a subordinação entre os pretos que lhe eram sujeitos.



Maracatu Nação do Elefante, bico de pena de Percy Lau

O cortejo do Rei do Congo, no entanto, transformou-se no nosso maracatu que passou a vir às ruas do Recife no dia dedicado aos Santos Reis, nas festas de Nossa Senhora do Rosário e nos dias do carnaval conservando a tradição africana com os seus batuques e danças.

Com a chegada do século XX o maracatu, na descrição de Pereira da Costa, obedeceu à mesma formação do séquito dos Reis do Congo, dispondo de sua hierarquia e comando, já então mais ligado aos seguidores da religião afro.

Entre os que mais se destacavam, o autor chama a atenção para o **Cambinda Velha**, já conhecido do noticiário da imprensa do século XIX, que trazia o seu estandarte de veludo bordado a ouro, "como eram igualmente a umbela e as vestes dos reis e dignitários da corte, usando todos eles luvas de pelica branca e finíssimos calçados. Os vestuários dos arqueiros, porta-estandarte e demais figuras, eram de finos tecidos e convenientemente arranjados, sobressaindo os das mulheres, trajando saia de seda ou veludo de cores diversas, com as suas

camisas alvíssimas, de custosos talhos de labirintos, rendas ou bordados, vistosos e finíssimos; e pendentes do pescoço, em numerosas voltas, compridos fios de miçangas, que do mesmo modo ornavam-lhes os pulsos. Toda a comitiva marchava descalça, à exceção do rei, da rainha e dos dignitários da corte, que usavam de calçados finos e de fantasia, de acordo com os seus vestuários. Para as exhibições do maracatu organizavam-se associações, cujas sedes, pelo carnaval, ornavam-se com esmero, armavam-se no salão um trono com dossel para assento dos monarcas, e em lauta mesa, repleta de iguarias e bebidas, tinham assento não-somente os membros da sociedade, como também, e preferencialmente, os seus convidados, entre os quais, não raro, figuravam mesmo pessoas de distinção. Quando o préstito saía, à tarde, recebia as saudações de uma salva de bombas reais, seguida de grande foquetana, saudações essas que eram de novo prestadas no ato do seu recolhimento, renovando-se e continuando as danças até o amanhecer, e assim, em ruidosas festas e no

meio de todas as expansões de alegria, deslizavam-se os três dias de carnaval. (Pereira da Costa, in **Folk-Lore Pernambucano**, Recife 1908)

## SEculares NAÇÕES

Preservando a denominação de nação, os préstitos dos maracatus continuam a desfilar pelas ruas do Recife nos dias de carnaval e nos meses que antecedem a grande festa. Denominando-se de **Nação do Elefante** (1800), **Nação da Estrela Brilhante** (1910), **Nação do Leão Coroado** (1863), **Nação da Cambinda Estrela** (1953) e **Nação do Indiano** (1949), o primeiro já desaparecido e os dois últimos oriundos de maracatus de orquestra, o folgado chegou aos nossos dias.

Informa Guerra-Peixe (in **Maracatus do Recife**, 2ª ed., Recife 1980) que na sua melhor fase (1928) o **Elefante** estava assim constituído: rainha, rei, dama-de-honra da rainha, dama-de-honra do rei, princesa, príncipe, dama-de-honra do ministro, ministro, dama-de-honra do embaixador, embaixador,

duquesa, duque, condessa, conde, quatro vassalãs, quatro vassalões, três calungas (Dom Luiz, Dona Leopoldina, Dona Emilia), três damas-de-paço (que portavam as bonecas durante o desfile do maracatu), porta-estandarte, escravo, figuras do tigre e do elefante, guarda coroa, corneteiro, baliza, secretário, lanceiros (treze meninos), brasabundo (uma espécie de guarda-costa do grupo), batuqueiros (quinze músicos), caboclos (20), baianas (20), importando o cortejo em cerca de 150 pessoas.

Em 1952, quando da realização da pesquisa, o musicólogo só encontrou no cortejo do **Elefante** um rei Antônio, filha-da rainha, a rainha Dona Santa, dama-de-honra do rei, dama-de-honra da rainha, príncipe, princesa, três calungas (das quais só saíam duas), porta-estandarte, escravo, as figuras do tigre e do elefante, damas-de-frente (oito), batuqueiros (nove), caboclos (oito), baianas (oito). — Estava o maracatu reduzido a metade!

## A BONECA É DE SEDA

Os maracatus nação têm em seus seguidores os devotos da seita africana da linha nagô, daí o inevitável sincretismo do divertimento com os valores da-quele culto.

Um dos elementos sagrados do maracatu é a **calunga**, também conhecida como boneca, que encarna a divindade dos orixás, recebe em sua cabeça os axés, tem lugar no altar da rainha ou do rei durante o resto do ano, em sua honra é cantada a primeira toada do maracatu (ainda dentro da sede, quando da dança na qual a calunga passa de mão em mão), é levada às ruas pela dama-de-paço (uma espécie de segunda pessoa da rainha) e ao retornar à sede é cantada pela rainha e respondida pelas baianas a sua toada.

A boneca é de seda  
É de seda baleia

A orquestra de um maracatu nação é só formada por instrumentos de percussão, ao contrário dos "maracatus de orquestra" que quase sempre têm

um trombone e outros instrumentos de sopro no seu conjunto.

Seu toque é assim descrito por Guerra-Peixe (in **Maracatus do Recife**): "o tarol anuncia levemente um esquema ritmo bem simples, rufado e intercalado de pausas; quase no mesmo instante, o **gonguê** assinala a sua rítmica característica; a seguir, dão entrada as **caixas de guerra**. Por essa altura, o **tarol** já passou do esquema inicial às variações. Dai prosseguem as entradas dos **zabumbas**: o **marcante** destaca os baques violentos e espaçados; o **meião**, pouco depois, segue o toque do marcante; e, conjuntamente, ressoam os **repiques**, aumentando enormemente a intensidade do conjunto. Relembra notar que mais ou menos contemporaneamente à entrada dos últimos, as baianas respondem em coro. A repetição coral, os **zabumbas** fazem variações, as quais cessam cada vez que a rainha (ou diretor, no caso do Leão Coroado) canta o solo. Novamente à volta do coro, repetem-se as variações, enquanto a intensidade se torna cada vez mais forte e o andamento vai sendo acelerado, tudo concorrendo para subjugar as vozes das baianas. Alcançado o clima musical, o toque permanece algum tempo na polirritmia cada vez mais violenta quando, sobressaindo-se a tudo, se ouve o apito da rainha (ou responsável pelo conjunto) advertindo o próximo fim da música. Baianas e músicos ficam atentos e, à repetição do apito — seja em que momento tenha coincido no decorrer da execução — os batuqueiros aguardam o próximo **ictus** do motivo rítmico e, subitamente, todo o conjunto estaca num preciso e intensíssimo baque surdo: pára o toque".

Indiferentes a tudo, cada ano com menor número de integrantes, eles vêm às ruas na segunda-feira de carnaval (até recentemente vinham também na terça-feira), fazem as suas reverências no adro da Igreja de Nossa Senhora do Terço, no bairro de São José ou de Nossa Senhora do Rosário, onde entoam os cânticos para os seus mortos (**eguns**), e seguem pelas ruas agora com o estandarte no ar, umbela girando, rei e rainha com porte de realeza, damas-de-paço mostrando as calungas, damas-de-frente portando buquês de flores, lanceiros abrindo espaço na multidão, meninos carregando lampiões de carbureto ou puxando a carroça com o animal símbolo da nação, baianas com uma ginga própria dos terreiros de xangô e um jogo de braços característico da dança molenga, caboclos de pena fazendo complicados passos, como servissem de guia ao préstito, e no final uma orquestra de percussionistas com o seu baque virado.

Princesa Dona Clara  
Para onde vai? — Vou passé.  
Eu vou para Luanda  
Vou quebrá saramunã.  
Eu vou, eu vou  
Eu vou para machê  
Eu vou para Luanda  
Eu vou para Luanda  
Vou quebrá saramunã.